



Edições Vercial

Contos da Avó Coruja

José Leon Machado (ed.)

Contos da Avó Coruja

edição de

José Leon Machado

Edições Vercial

NOTA INTRODUTÓRIA

Uma boa parte das histórias que apresentamos foram recolhidas pelos alunos das Licenciaturas do Primeiro Ciclo do Ensino Básico e de Educadores de Infância do Pólo de Chaves da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal) entre o ano de 2000 e 2002 no âmbito de um trabalho para a unidade curricular de Literatura Infanto-Juvenil. O objectivo do trabalho era que cada aluno recolhesse uma ou mais histórias de tradição oral junto dos seus familiares ou vizinhos e que as transcrevesse o mais fielmente possível. O professor seleccionou aquelas que lhe pareceram estar de acordo com esse objectivo, limitando-se a corrigir erros de ortografia e de sintaxe e cortando redundâncias. Irrelevou aquelas que lhe pareceram a transcrição de histórias já publicadas.

Algumas delas foram por nós recolhidas através do mesmo método. Um número muito reduzido foi escrito a partir de recordações que nós próprios tínhamos das versões que ouvíamos na infância.

Muitas das histórias são versões, com vários graus de diferenciação, de histórias conhecidas do público português e europeu.

ÍNDICE

Contos de fadas:

As três filhas do rei
Branca Flor
Catarina e o toirinho azul
O bicho que se transformou em príncipe
A filha do rei
O peixinho amigo
Os irmãos valentes
A princesinha
As três maçãzinhas de ouro
A avó e a neta
O menino de ouro
O castelo da maldição
Dançando com o diabo
O sapo com frio
A fada madrinha
A bicha das sete cabeças
Rola, rola cabacinha
A menina e o sardão

Contos morais:

O Monte dos Velhos
O filho ingrato
O velho e a manta
Os sete vimes
O tesouro da terra
Os sete filhos
O dinheiro perdido
Quem faz bem para si faz
As três filhas gagas

O porco doente
A rapariga teimosa
Ai que del-rei!
As duas filhas
O velho ciumento
O medroso D. Caio
O Malicas
Zé Grilo
Os dois irmãos mentirosos

Facécias:

Os três ovos
O corno do marido
A casa do padre
Dá cá que bebo eu
A falsa fidelidade
Os rapazes e os pregos
Os pais do bispo
As socas novas
Os salpicões de pão-de-ló
O soldado e a fada
Ai Mundo, Mundo!
As duas tecedeiras
A burra às arrecuas
A água cria rãs na barriga

Contos de animais:

A cabra e a formiga
O lobo e a raposa
Os baptizados da raposa
Os baptizados da raposa (outra versão)
O rabo suado

O lobo e o cão
O velhinho e o lobo
O galo
Piu Piu e os irmãos
A ovelha, o cordeiro e o lobo
A menina e a raposa
Os três galos
A pega e o sapo
A raposa e a cobra
Mocho – o letrado dos passarinhos

Tesouros escondidos:

O tacho de tesouro
Os carvões que se transformaram em ouro
A velhinha do sonho
O pote da fortuna
O berro da cabra
A grade da ponte do rio Vima
O mistério da ponte romana Mae Gutierres
O tesouro e as maleitas
Os três potes misteriosos
A audácia do criado
O ouro do Monte de Santa Marinha
O Penedo dos Namorados
As castanhas de burro

Mouras encantadas:

A moura encantada
A vaca encantada
O penedo dos Mouros
Lenda do Fragão da Pitorca
Lenda da fonte do Forte de São Neutel

A Fonte da Moura
A moura da fonte
A moura encantada do rio do Rechão
A moura e a vaca
A moura encantada
Dona Mirra
A princesa moura
A cobra moura
A fonte de São João
A pedra da mina
A cesta de carvão
A moura encantada de Santo António de Monforte
A moura de Tavira
Lenda da Penedice
A Cova dos Mouros

O diabo e outras personagens do maravilhoso popular:

O pescador sugado
O cabrito cheio de frio
Malefício na encruzilhada
A Vianesa
O homem vestido de preto
A defesa do diabo
Dar esmola a Deus e ao diabo
O criado
A chiba
O Patas de Cabra
O Diabo Ganchinho
O contrabandista e os trasgos
O bicho e o diabo
O diabo pastor
A Maria Gancha
Os meninos curiosos
O gigante e o anjo

O Bicho Cidrão
A velhinha e a morte
O medo à morte

Correr o fado:

Correr o fado
O lobisomem de Custóias
O marido lobisomem
O lobisomem que comeu o filho
O homem encantado
O lobisomem
A mulher do corredor
O homem ateu
A moça que corria o fado
Homem de dia, animal à noite

Casos estranhos:

O ladrão de barbas
A cadeira de prata fina
O rapaz e o castanheiro
O pote da sopa
Os pescadores e a boneca
O maneta
A carteira desaparecida

Bruxas:

A avó bruxa
A filha bruxa
A namorada que era bruxa
O almocreve e as bruxas

O tocador de bois
Os cornos santos
As bruxas
Bruxaria
As bruxas da Ribeira do Medo
As bruxas lavadeiras
O véu de casamento
Dorlinda
O feitiço virou-se contra o feiticeiro
O deixome da bruxa
Os dois compadres marrecos
Os compadres corcundas
Os compadres corcundas (outra versão)

Almas penadas:

Almas do outro mundo
Os que mudam os marcos dos terrenos
O vestido de noiva
O taxista
A casa assombrada
A paixão misteriosa
A paixão misteriosa (outra versão)
A alma da avó
A Dona Branquinha
A Janvelha
A alma da figueira
A capa de burel
O avarento
A alma do pai
O velho Abelhão
Os portões
O lavrador
A procissão de velas
A irmandade das Almas

O descanso eterno

CONTOS DE FADAS

As três filhas do rei

Era uma vez um rei que tinha três filhas. Um dia ele e as filhas foram convidados para uma festa no reino vizinho. Nesse reino havia um príncipe que andava à procura de noiva.

Quando as filhas do rei souberam do convite, logo se entusiasmaram e fizeram planos para conquistar o príncipe.

No dia da festa, elas vestiram-se com os melhores vestidos, montaram cada uma o seu cavalo e partiram em segredo. Quando o rei se preparava para sair, perguntou à criada pelas filhas, ao que ela responde que já tinham partido, pois não queriam chegar atrasadas.

Quando chegaram a meio do caminho, a mais velha, que queria enganar as irmãs e chegar primeiro que elas, disse-lhes que quem chegasse primeiro ficava com o príncipe. Resolveu então mandá-las por um caminho e ela foi por outro, julgando ser o caminho mais curto. As irmãs aceitaram a proposta e seguiram o caminho.

No entanto a mais velha, que ia a atalhar o caminho para chegar mais cedo, foi ter a um atoleiro, donde não conseguiu tirar o cavalo. Toda suja, depois das tentativas de tirar o cavalo, quando deu pelas horas, já tinha começado a festa. Mesmo assim, resolveu ir à festa e começou a caminhar. A certa altura, passou uma carruagem e ela escondeu-se, pois tratava-se do seu pai.

Continuou então a andar até que finalmente chegou ao reino. Quando viu o príncipe a dançar com a irmã mais nova por quem se encantou logo que a viu, saiu a correr e a chorar.

Enquanto a irmã mais nova dançava com o príncipe, a irmã do meio pensava num plano para lhe estragar a noite. Mas em vão.

O príncipe foi falar com o rei e pediu-lhe a mão da filha mais nova em casamento. O rei, não se contendo de alegria, respondeu logo que sim.

Então o príncipe anuncia o casamento e passados alguns dias casaram-se e viveram felizes para sempre.

Recolhido por: Marlene Sofia Ferreira da Costa, 2002

Contado por Maria Natália Oliveira Ferreira Calçada,
58 anos

Pena de Amigo, Mouçós, Vila Real

Branca Flor¹

Quando os pais de uma menina que se chamava Branca Flor iam fazer compras à vila, aproveitavam todas as ocasiões para falarem na beleza da filha aos comerciantes das lojas onde entravam.

Um homem, quando estavam dentro de uma loja, apreciou a conversa e perguntou-lhes quem era essa Branca Flor. A mãe disse-lhe que era uma menina muito bonita que tinham em casa. O homem, muito agradado do que ouviu, comprou um anel e mandou a mãe entregar-lho.

A mãe chegou a casa toda contente e deu-o à filha, dizendo-lhe para tirar o vestido que trazia para lho lavar, uma vez que o homem lhe viria falar no dia seguinte. Como não tinha mais roupa, a rapariga ficou nua e meteu-se na cama.

O homem, que pensava que ela era uma princesa e não a filha de gente pobre, não quis esperar pelo dia seguinte. Dirigiu-se à casa, bateu à porta e a menina perguntou:

– Quem está aí?

Ele respondeu:

– Não é aqui a casa da Branca Flor?

Ela respondeu que sim e disse que não podia ir à porta porque estava despida, pois a mãe tinha ido lavar-lhe o vestido ao rio.

Então o homem, desconfiando do que se estava a passar, disse-lhe:

– Ó menina, dai-me cá o meu anel.

A menina respondeu-lhe:

¹ Adolfo Coelho publicou uma versão deste conto na obra *Contos Populares Portugueses*, sob o título de «Brancaflor». Viale Moutinho publicou uma versão na obra *Contos Populares Portugueses*, p. 123, com o título «Branca Flor». Alexandre Parafita publicou duas versões deste conto na obra *Antologia dos Contos Populares*, vol. I, pp. 155-162, com o título «Branca For».

– Entre o senhor e vá por ele. Está em cima da palhinheira do forno.

O homem entrou, mas não encontrou o anel. A mãe da menina, com medo que ela o perdesse, tinha-o levado com ela para o rio. Muito zangado, o homem entrou no quarto e, vendo-a ali na cama toda nua, quis abusar dela.

A menina, com as lágrimas nos olhos, pediu-lhe que não lhe fizesse mal, que lhe daria o anel quando a mãe chegasse. Mas o homem não quis saber. Abusou dela quanto quis e por fim matou-a. Para que ninguém soubesse, enterrou-a no quintal e foi-se embora.

Os pais nunca mais souberam da filha e guardaram o anel como se ela mesma fosse.

Recolhido por Sofia Aires, 2002

Contado por Filomena do Nascimento, 72 anos

Amendoeira, Macedo de Cavaleiros

Catarina e o toirinho azul ²

Era uma vez uma menina muito linda que se chamava Catarina e vivia sozinha com o seu pai, pois a sua mãe já tinha morrido.

A Catarina e o pai tinham um toirinho de pele azul e que por isso lhe chamavam o toirinho azul. Depois de a Catarina chegar da escola, ia com o toirinho azul para o monte.

Um dia a sua professora, que era solteira, disse à Catarina que o seu pai podia casar com ela. Quando ela chegou a casa, contou ao pai. Passados uns tempos, o pai da Catarina casou-se com a professora e foram viver lá para casa.

A professora da Catarina, que agora era sua madrasta, como era muito má para ela, pois tinha inveja da sua beleza, tentou matá-la à fome. Mandava-a todos os dias para o monte com o toirinho azul sem nada de tudo quanto era bom.

Mas o toirinho azul era o encanto da Catarina e, quando chegava a hora de comer, o toirinho azul abria um corno e dava-lhe de comer.

A madrasta, que tinha em casa um espelho mágico, ia-lhe perguntar quem era mais bela do que ela e o espelho sempre lhe respondia que era a Catarina.

Então a madrasta, furiosa ao ver que a Catarina cada vez estava mais bonita e não tinha emagrecido nada, resolveu ir vigiá-la. Seguiu a Catarina e o toirinho azul até ao monte e qual não foi o seu espanto ao ver que o toirinho azul dava de comer à Catarina por um corno. Então a madrasta resolveu matá-los aos dois.

² Alexandre Parafita publicou uma versão deste conto na obra *Antologia dos Contos Populares*, vol. I, pp. 147-149, com o título «Maria de Pau e o touro azul».

Foi para casa e, quando o marido chegou, ela disse-lhe que estava doente e que tinha de ir ao médico. Então o marido disse para ela ir.

Quando chegou a casa e o marido lhe perguntou o que o médico tinha dito, ela respondeu:

– O médico receitou-me bifinhos do toirinho azul!

– Está bem. Se é para tu sarares, mata-se o toirinho azul – respondeu o marido.

Mas como o toirinho azul adivinhava as coisas, disse para a menina:

– Catarina, nós temos de fugir daqui porque a tua madrasta quer-me matar.

A Catarina concordou e os dois fugiram.

Depois de muito tempo a caminhar, a Catarina e o toirinho azul encontraram três bosques: um de cobre, outro de prata e outro de ouro. Cada bosque tinha um bicho feroz que os guardava. Para que eles pudessem passar pelos bosques, tinham que matar o bicho que os guardava.

Então o toirinho azul lutou com o bicho do bosque de cobre e conseguiu matá-lo; passou pelo bosque de prata, lutou com o bicho e também o conseguiu matar. Quando chegou ao bosque de ouro, o toirinho azul disse para a menina:

– Catarina, eu vou tentar lutar com este bicho, mas talvez não tenha forças para o matar. Se eu morrer, tu vais fazer o que eu te digo, está bem?

– Está – prometeu a Catarina.

E o toirinho azul continuou:

– Se eu morrer, tu esfolas-me, partes-me àsostas, metes-te na minha pele e enterras-me aqui. Com esta varinha, sempre que precisares de alguma coisa, vens aqui, bates com a varinha onde eu fui enterrado e tudo te será concedido.

Então, o toirinho azul lutou com o bicho, conseguiu matá-lo, mas também morreu.

A Catarina, muito triste, fez tudo quanto o toirinho azul lhe tinha dito. Como ao longe se avistava um palácio, a Catarina pensou em ir lá pedir abrigo em troca de trabalho. Mas antes de ir, queimou uma cortiça e enfarruscou-se, para esconder a sua beleza.

Chegou ao palácio e pediu trabalho, mas o filho do rei não a queria para empregada, pois achava que ela era muito feia. Contudo, a mãe disse que ela ficaria e, quanto mais não fosse, iria guardar os recos.

A Catarina lá ficou, mas era mal tratada pelo filho do rei que lhe atirava com água e com a toalha para ela se lavar.

Ela já lá estava há bastante tempo e num domingo pediu à rainha que a deixasse ir à missa. A rainha deixou-a ir.

Antes de ir para missa, a Catarina foi ao lugar onde tinha enterrado o toirinho azul e, com a varinha, pediu que ele a vestisse com tudo o que uma princesa tinha direito e que lhe desse um cavalo para a levar à missa. O seu desejo foi concedido.

Quando ela chegou à igreja, o príncipe também lá estava e ficou deslumbrado com tanta beleza, que não tirava os olhos dela.

Antes que a missa terminasse, a Catarina saiu, montou o cavalo e voltou ao sítio onde estava enterrado o toirinho azul, voltando a ser a menina com a cara enfarruscada.

Quando ela chegou ao castelo, ouviu o príncipe a contar à sua mãe o que tinha visto na missa.

No domingo seguinte, a Catarina voltou a pedir à rainha que a deixasse ir à missa; ela deixou e voltou a fazer o que tinha feito no domingo anterior e aconteceu a mesma coisa.

No terceiro domingo, a Catarina voltou a ir à missa e agora mais bonita que nos outros domingos. Mas, quando vinha a sair da missa para montar o cavalo e vir-se embora, perdeu um sapato que o filho do rei apanhou.

Depois de fazer experimentar o sapato em todas as raparigas que conhecia e tendo ficado todas ela com os pés a sangrar, a sua mãe disse-lhe:

– Por que não experimentas o sapato na nossa empregada?

– Mas, minha mãe, isso até é pecado, tão feia ela é! – disse o príncipe.

– Vá lá, não custa nada, experimenta – respondeu a mãe

Então o príncipe experimentou e, quando calçou o sapato, a Catarina transformou-se na mais bela rapariga que o príncipe jamais tinha visto, com um vestido de ouro, anéis e colares de rara beleza e tudo o resto.

O príncipe apaixonou-se por ela, casaram e viveram felizes para sempre.

Recolhido por Cátia Costa, 2002

Contado por Ana Aurora Vieira, 78 anos

Vila Cova, Vila Real

O bicho que se transformou em príncipe ³

Era uma vez um casal que vivia numa pequena aldeia e tinha uma filha. A mãe morreu e o pai, passado algum tempo, quis casar-se com a rapariga mais bonita da aldeia. Logo que se casaram, a mulher começou a tratar mal a filha.

A mulher do rei daquela terra queria muito ter um filho e um dia disse:

– Eu quero ter um filho, nem que seja um bicho!

Dentro da barriga da rainha começou a crescer qualquer coisa e, meses mais tarde, nasceu um bicho estranho que não se sabia o que era. O bicho cresceu e toda a gente dizia que ele comia as pessoas. A madrasta, que se queria livrar da enteada, pensou mandá-la tomar conta do bicho.

– Finalmente, vou-me livrar daquela bastarda! – disse ela.

Foi nessa altura que a rainha decidiu casar o bicho. Então a madrasta foi falar com ela e disse:

– A minha enteada gosta muito do seu filho e ficaria muito feliz se fosse ela a noiva.

A rainha aceitou e logo ali fizeram os tratos para o casamento.

Mas a rapariga não gostava do bicho e queria escapar àquele castigo. Foi então que se lembrou do que tinha dito a sua mãe antes de morrer: «Minha filha, quando precisares

³ Adolfo Coelho publicou uma versão deste conto na obra *Contos Populares Portugueses*, sob o título de «O príncipe com orelhas de burro». Consiglieri Pedroso publicou uma versão na obra *Contos Populares Portugueses*, sob o título de «O príncipe de cabeça de cavalo». Alexandre Parafita publicou duas versões na obra *Antologia dos Contos Populares*, vol. I, uma com o título «O príncipe cavalo» (pp. 123-125), e outra com o título «O príncipe lagarato» (pp. 126-1133).

de alguma coisa, chegas à minha sepultura, bates três vezes e eu te darei o que precisares».

Foi isso o que a rapariga fez.

– Mãe! Mãe! – chamou ela depois de ter batido três vezes na pedra da sepultura.

– O que é, minha filha? – ouviu-se a voz da mãe.

– Querem-me casar com o bicho, mas eu não gosto dele. O que faço, mãe?

– Casa com ele e no dia do casamento vestes três vestidos de noiva. Na noite de núpcias, quando despires o primeiro vestido, pede ao bicho para que tire uma pele. Ao tirares o segundo e o terceiro vestido, fazes a mesma coisa.

E assim foi. No dia do casamento, a rapariga vestiu três vestidos e na noite de núpcias, por cada vestido que tirava, pedia ao bicho que tirasse uma pele. No fim, em vez de um bicho, apareceu-lhe um encantador príncipe. Este disse-lhe:

– Eu não posso sair deste quarto, porque, se alguém me vê, desapareço.

No dia seguinte, a Rainha perguntou à rapariga:

– Então o meu filho ainda não saiu do quarto? O que se passa?

– Ele está muito cansado.

No segundo dia, a rainha perguntou a mesma coisa:

– Então o meu filho ainda não saiu do quarto? O que se passa?

A rapariga respondeu de novo:

– Ele está muito cansado.

Ao ouvir isto, a rainha decidiu ir ao quarto do filho para ver o que se passava. Entrou no quarto e, logo que o príncipe viu a mãe, transformou-se numa pomba branca e desapareceu voando.

A rapariga pensou que nunca mais ia voltar a ver o seu marido. Decidiu ir de novo à sepultura da mãe, bateu três vezes e chamou:

– Mãe! Mãe!

– O que é, minha filha?
– O meu marido desapareceu, transformado numa pomba branca. O que devo fazer?

– Recolhe todas as pombas brancas que encontrares e, quando as recolheres todas, cortas as veias dos pulsos. Se uma das pombas chorar, essa pomba é o teu marido.

A rapariga passou dez anos a recolher as pombas. Já tinha um grande pombal e decidiu então cortar os pulsos. A pomba mais bela do pombal soltou uma lágrima e voltou a transformar-se num príncipe.

A rapariga e o príncipe nunca mais se separaram e viveram felizes para sempre.

Recolhido por Aldina Mosca, 2002

Contado pela D. Laurinda Dionísio, 60 anos

Aldeia de Monte de Arcas, Valpaços

A filha do rei

Era uma vez um rei que tinha três filhas. Chamou-as e disse-lhes:

– Chegou a altura de saber qual de vós é que gosta mais de mim.

A mais velha disse:

– Eu gosto tanto do meu pai como da luz do sol.

A do meio disse:

– Eu gosto tanto do meu pai como de mim mesma.

E a mais nova disse:

– Eu gosto tanto do meu pai como do sal da comida.

O rei pôs-se a pensar e concluiu que a filha mais nova não gostava dele. Mandou chamar um dos seus criados e ordenou-lhe:

– Leva esta minha filha ao bosque, mata-a e traz os fígados dela para eu ver que tu a mataste.

Este criado trazia sempre consigo uma cadelinha e levou-a quando se dirigiu ao bosque com a filha mais nova do rei. Chegou ao bosque e disse à menina:

– Não tenho coragem de te matar. Vou matar a cadela e levar os fígados dela para dizer que são teus. Segue pelo bosque até encontrares uma casa onde te dêem de comer pelo teu trabalho.

A menina lá foi pelo bosque, até que encontrou uma casa. Bateu à porta e apareceu-lhe uma criada. A menina pediu-lhe trabalho, mas a criada recusou. Desesperada, pediu-lhe para ficar nem que fosse para tomar conta dos patos.

A criada por fim concordou.

Andava a menina a tomar conta dos patos e cantava:

Patos para aqui,
patos para ali,
filha de um rei

andar por aqui.

O filho do senhor da casa, que era príncipe, começou a escutar a menina e apaixonou-se por ela, pedindo ao pai para casar com ela porque era esta muito bela.

Mandaram chamar a menina e ela disse que só casaria na condição de no dia do seu casamento ser ela a cozinhar. Todos concordaram e fizeram a lista de convidados onde constava também o pai da menina.

No dia do casamento, a menina não aparecia porque estava a preparar o banquete. Todos perguntavam por ela, até que mais tarde apareceu.

Perguntou aos convidados se a comida estava boa, mas reparou que o seu pai não comia. Então perguntou-lhe se não gostava da comida. O pai respondeu-lhe que a comida estava boa, mas que não comia comidas com sal porque lhe faziam mal.

Esta disse-lhe que fez comida sem sal para ele. O pai neste momento reconheceu a filha e pediu-lhe perdão por não ter compreendido o amor que tinha por ele.

Recolhido por Sandra Marisa Portela Coutinho, 2002

Contado por Júlia Leones, 69 anos

Fojo Moreira do Lima, Ponte de Lima

O peixinho amigo

Era uma vez um menino muito pobrezinho que vivia no cimo de um monte com o seu avô. O seu avozinho era a única pessoa que ele tinha na vida, porque, quando era pequenino, os seus pais fugiram e deixaram-no sozinho. Foi então que o avô o levou para viver com ele.

O menino adorava o seu avozinho, que era velho e doente. Ele era muito pobre e vivia do que lhe davam as pessoas da aldeia. Toda a gente o tinha em boa conta por ser bondoso e não fazer mal a ninguém.

Um dia de muito frio, o avô pediu ao seu netinho que fosse buscar um molho de lenha para acender a lareira, pois tinha tanto frio que quase lhe gelavam os ossos. O menino, sem mais demora, correu para o monte.

Pelo caminho, pôs-se por alguns momentos a olhar os peixes de um rio que passava perto e nisto saltou-lhe de repente um para os pés. O menino pegou nele e diz-lhe o peixe:

– Não me faças mal, meu menino. Eu posso ajudar-te. Basta dizeres peço ao meu peixinho tudo o que precisar, e eu logo o farei.

O menino, deitou-o novamente à água e, sorrindo, continuou o seu caminho em direcção ao monte.

Enquanto apanhava o molho da lenha, pensou no que haveria de pedir ao peixe. Feito o serviço, decidiu experimentar.

– Peço ao meu peixinho tudo o que precisar.

Logo o peixinho apareceu dizendo:

– É só pedires!

Então o menino, respondeu:

– Peço ao meu peixinho que me leve agora este molho de lenha para casa.

Depois de ter dito isto, pôs-se em cima do molho de lenha como se fosse a cavalo e lá foi ele.

Mas antes de chegar a casa, passaram por um castelo onde vivia uma bela princesa, que por acaso estava à janela e se pôs logo a rir da figura daquele menino em cima do molho de lenha. Ao vê-la rir, não tem mais, o menino pede ao peixinho que o faça casar com a princesa. A princesa, mal dá conta, já está nos braços do menino. Para não perder mais tempo, o menino disse:

– Peço ao meu peixinho tudo o que precisar. Quero ser rei e ser muito, muito rico.

E assim aconteceu. O menino passou a viver no castelo com a sua princesa, os dois muito felizes e muito, muito ricos.

Passados alguns dias, o menino, depois de já ter pedidos uns tantos desejos, lembrou-se do seu avô e disse:

– Peço ao meu peixinho tudo o que precisar. Quero ver o meu avó.

E logo apareceu na casa do avó. Chamou pelo seu avozinho, chamou, chamou, mas ele não lhe respondeu. O menino correu para a lareira onde tinha ficado o avô antes de ter partido e lá o encontrou, deitado no chão, muito encolhido e morto.

Ao ver isto o menino, disse:

– Peço ao meu peixinho tudo o que precisar. Quero o meu avozinho vivo.

É então que o peixinho aparece e diz ao menino:

– Já pediste muita coisa. Realizei-te muitos desejos. Agora já não te posso realizar mais nenhum.

Então o menino abraçou o seu avozinho e, a chorar, disse:

– Perdoa-me meu avozinho por me ter esquecido de ti. Logo tu que nunca me abandonaste!

Redigido por Neuza Rocha, 2002

Contado por D. Marisa Lopes, 65 anos

Caldas de Vizela